

CARTA DE INTENÇÃO

Os espaços públicos abertos desempenham, nas cidades, funções sociais, culturais, políticas e ambientais. Fisicamente esses espaços podem ser constituídos por calçadas, canteiros centrais de avenidas, ruas, praças, parques e praias.

Aqui, especificamente, dirijo meu olhar para as praças, como “*espaços públicos do ambiente construído, seus usos e funções, destinados ao lazer e ao convívio da população, acessíveis aos cidadãos e livres de veículos*”, nos dizeres de Robba e Macedo na obra *Praças Brasileiras* (2002).

A praça, aqui expressa, como o lugar do encontro, com animação própria, da mesma forma que ocorre na interpretação de Lefebvre, *como palco que se assume de um teatro espontâneo, onde as pessoas são ao mesmo tempo espetáculo e espectador, às vezes ator. Lugar no qual se efetua o movimento, mistura sem a qual não existe vida urbana, mas separação, segregação estipulada e fixa.*

Contudo, ao longo da história e do processo de construção do espaço urbano, as funções e usos das praças vêm sofrendo transformações, notadamente pelo uso que a população destina aos lugares. Os espaços das praças hoje se detinham mais para a permanência. Convivendo com o lazer contemplativo estão os recantos sinuosos, lazer com atividades físicas, quadras esportivas e espaço para recreação infantil.

Na dimensão da espacialidade a praça revela o anseio daqueles que ocupam o lugar, tornando claras as formas de apropriação do espaço e da cidade. Por meio do comportamento das pessoas se pode encontrar as pistas para a destinação social do uso e da convivência harmônica no espaço.

Essa é a praça contemporânea e inclusiva, caracterizada pela determinação não impositiva de um único uso, mas de espaços multifuncionais, com atenção especial para o lazer. Um espaço acessível, de maneira genérica, que permita possibilidade e condição de alcance, percepção e entendimento para sua utilização com segurança e autonomia por vários tipos de usuários.

A Praça do Pôr do Sol, como é conhecida a **Praça Coronel Custódio Fernandes Pinheiros**, tem seu grande destaque naquilo que a natureza a brindou: a magnífica visão do pôr do sol, mesmo nos dias em que o céu não está aberto. Como espaço de uso múltiplo, possui pista para caminhadas, playground e muretas de cimento destinadas ao assento para a contemplação como pistas de skatistas. Seu patrimônio verde contempla árvores remanescentes de Mata Atlântica e áreas gramadas. As muitas árvores atraem diversos pássaros em diferentes horas do dia que brindam a vizinhança com belas “sinfonias”.

A Praça Pôr do Sol tem atraído mais recentemente não só os moradores do entorno para os espaços de lazer e contemplação, como também outros públicos. Basicamente, o maior deles, composto por jovens, que frequentam

①

esse espaço nos finais de semana. Vão à Praça conversar, namorar, tocar música, dançar, beber (inclusive bebidas alcoólicas), e ver o movimento. Além disso, fumam, tocam música nos carros em alto volume e, por vezes, usam drogas ilícitas. Atraem ambulantes e vendedores.

Observa-se também outros grupos. Artistas, ginastas, crianças com seus familiares ou babas, idosos, estudantes cabulando aula, motoboys descansando e moradores de rua que, muitas vezes, acabam dormindo por lá, ao lado de rapazes e moças que embriagados, não retornam às suas casas até próximo ao meio dia.

Desta forma, importa que no momento em que se constitui o Conselho Gestor do Parque da **Praça Coronel Custódio Fernandes Pinheiros**, é entender a vocação do uso e a forma de conciliação e convivência possível entre todos os diversos públicos que a frequentam.

Minha proposta é que seja levada à discussão de forma democrática, partindo da ideia de que para a construção de espaço coletivo é necessária a participação conjunta da população e do poder público para implementação de políticas públicas que defina parâmetros para que se possa usufruir de equipamentos de lazer urbano, incluindo-se os quesitos de conservação, preservação e efetivação de ações locais.

Pode-se realizar, igualmente, levantamento com objetivo de pesquisar o perfil dos frequentadores da praça, grau de frequência, relações de pertencimento com o lugar e as motivações que os levam a frequentar a Praça, além de verificar como as pessoas fazem esse uso, levando em consideração os aspectos físico-funcionais, ambientais e comportamentais. Verificar, ainda, as práticas cotidianas (atividades e relações sociais) que fortalecem a sua apropriação como espaço público, bem como práticas e conflitos que enfraquecem o uso desse espaço.

Proponho finalmente que, ao lado dos estudos, se estabeleça um diálogo permanente com os moradores do entorno e usuários da Praça que possibilitem o desencadeamento de outras temáticas que possam contribuir para repensar a concepção que se tem sobre a utilização dos espaços urbanos para valorizar a implementação de políticas públicas, a partir da discussão particular sobre a utilização da **Praça Coronel Custódio Fernandes Pinheiros**.



Vera Lúcia de Lucena Bussinger

É cidadã paulistana, filósofa e professora, usuária e moradora da Praça Pôr do Sol.